

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ROSINEIDE BARCO

AFETIVIDADE
A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO
PROFESSOR - ALUNO

CAMPINAS

2005

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ROSINEIDE BARCO

AFETIVIDADE
A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO
PROFESSOR – ALUNO

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia - Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como um dos pré-requisitos para conclusão da Licenciatura em Pedagogia.

CAMPINAS

2005

Aos meus filhos e meu esposo;

A todos os que, direta ou indiretamente, participaram e contribuíram para minha formação e atuação profissional;

A todas as pessoas com as quais tive o privilégio de conviver.

AGRADECIMENTOS

A Deus e a minha família.

Aos meus filhos, Mateus e Rafael, pelo tempo que fiquei ausente com todo o meu amor.

Ao meu esposo Claudinei, pela sua compreensão e ajuda, com muito amor.

Aos meus alunos e ex-alunos, que muito contribuíram para o meu crescimento enquanto educadora.

A todas as alunas da turma H, em especial a Leila, Tati, Sir, Sil e Wal pela amizade e ajuda, com muito carinho.

A todos os professores e orientadores do PROESF, pela dedicação e incentivo, com profunda admiração.

As crianças têm necessidade de pão, do pão do corpo e do espírito, mas necessitam ainda mais do seu olhar, da sua voz, do seu pensamento e da sua promessa. Precisam sentir que encontraram em você e na sua escola a ressonância de falar com alguém que as leia e as compreenda.

Célestin Freinet

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	01
1 – DOCES LEMBRANÇAS	
Memórias da minha infância.....	05
2 – FORMAÇÃO INICIAL	
Minha formação no Magistério.....	10
3 – EU EDUCADORA	
3.1 – Trabalho docente.....	11
3.2 – Construindo laços de confiança.....	14
3.3 – Valorizando o trabalho dos alunos.....	16
3.4 – A relação afetiva entre o professor e o aluno.....	18
4 – O PROESF	
4.1 – PROESF – A realização de um sonho.....	22
4.2 – Os Aps – As disciplinas.....	23
4.3 – A afetividade presente na Universidade.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35
BIBLIOGRAFIA	36

APRESENTAÇÃO

Quando fiquei sabendo que deveria escrever um Memorial de Formação como trabalho de conclusão de curso, confesso que fiquei um pouco assustada, fiquei imaginando como iria conseguir, como iniciar, o que iria escrever, que assunto abordaria, procurei o significado no dicionário e comecei então a refletir sobre minha prática pedagógica, percebi que poderia abordar vários temas, pois existem diversos assuntos interessantes, pensei na inclusão, no fracasso escolar, na afetividade, enfim, nem tinha idéia de qual escolher e nem por onde começar.

Após receber da Universidade alguns textos falando sobre memorial fui amadurecendo minhas idéias, selecionando alguns temas, tentando sanar algumas dúvidas e encontrar respostas para algumas perguntas.

Na maior parte das vezes, lembrar não é viver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. (Bosi, 1995:55),

Ao ler esta frase pude perceber o quanto é maravilhoso poder exercitar o trabalho de repensar, reconstruir o passado em minha memória através de fatos, imagens que julgava ter esquecido, que não me lembrava mais.

A questão do reconstruir a memória, como cita Soares no trecho:

Procuro-me no passado e "outrem me vejo"; não encontro a que fui, encontro alguém que a que sou vai reconstruindo, com a marca do presente. Na lembrança, o passado se torna presente e se transfigura, contaminado pelo aqui e agora".(Soares,1990)

É fascinante, pois quando comecei a reconstruir, a relembrar meu tempo de escola, minha infância, fui encontrando as marcas do presente, penso que seria impossível relembrar sem utilizar no trajeto, as experiências do tempo vivido.

Vários autores falam dessa particularidade de reconstruir nossa memória, de rememorar.

Para Thomson,

ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser. As histórias que relembramos não são representações exatas de nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais. Assim podemos dizer que nossa identidade molda nossas reminiscências; quem acreditamos que somos no momento e o que queremos ser afetam o que julgamos ter sido (Thomson,1997).

Nesse memorial, pretendo, além de contar a minha história, a minha trajetória de vida, de formação, desde o meu nascimento, também decidi abordar um tema referente à prática docente que é a afetividade presente na relação professor-aluno, procurando resgatar o desejo de aprender daqueles alunos com baixa auto-estima, ou com qualquer outro

problema de aprendizagem, pois sempre acreditei que o afeto é muito importante na aprendizagem e principalmente na relação professor-aluno.

Para mim, é evidente que a existência de um vínculo afetivo marca a sala de aula como um espaço em que aprendizagem, descontração e cooperação, andam juntas.

Vejo também a necessidade de haver uma relação de confiança, de credibilidade mútua e até de cumplicidade entre educador e educando, pois desta forma, aos poucos vai possibilitando o resgate de auto-estimas perdidas.

Para comprovar como realmente ocorre essa relação afetiva entre ambos, nada melhor do que o conhecimento da vida cotidiana escolar. Como educadora sei que esse conhecimento só poderia ser possível através de longa convivência com as crianças e com o ambiente escolar, sempre procurando estabelecer um vínculo de confiança entre as partes envolvidas.

Decidi iniciar a partir do meu nascimento, pois foi com ele que começou minha formação enquanto ser humano. Não acredito que me tornei professora quando concluí o Magistério, mas sim que fui me tornando uma professora no decorrer de toda minha vida.

No capítulo um falo das memórias da minha infância, desde o meu nascimento até os quatro primeiros anos de minha escolarização, o então, primário (1ª - 4ª séries) e o ginásio (5ª - 8ª séries). Escrevo sobre doces lembranças e muitas outras nem tão doces assim. Pois morávamos

na zona rural onde não havia muitos recursos, as dificuldades eram muitas.

No capítulo dois, vou contar como foi minha formação no Magistério.

O trabalho docente será abordado no capítulo três, recordando meu período de estagiária do Estado(contratada) até o presente momento, uma trajetória de quase 14 anos, com todas as realizações, conquistas e também, não posso negar, com muitas frustrações. Também nesse capítulo vou abordar minha relação afetiva com meus alunos, a importância de estabelecer vínculos, construindo laços de confiança, de valorizar o trabalho dos alunos, e também conto um pouco sobre o meu trabalho.

O capítulo quatro vem em consequência dos outros três capítulos, vou escrever sobre o PROESF e dentro dele não posso deixar de colocar a minha opinião sobre: os Aps, as disciplinas, as novas amizades, e principalmente, as transformações que provocou em mim enquanto educadora.

E finalmente concluo fazendo umas considerações finais tentando passar um pouco do que ficou de conhecimento após os seis semestres de curso e também do que esse memorial representa para mim.

CAPÍTULO UM

1 - DOCES LEMBRANÇAS

Memórias da minha infância

Nasci na zona rural de uma pequena cidade localizada no interior do Estado de São Paulo, chamada Urânia. Desde a minha infância sempre gostava de brincar de “escolinha” e sempre queria ser a professora. Lembro-me, que, por falta de lousa, escrevia no chão no imenso terreiro da casa ou então nas paredes, atrás da casa, com pedaços de carvão que eram retirados do fogão de lenha onde minha mãe cozinhava .

Passei toda minha infância morando no mesmo sítio, de onde me recordo com saudades. Até hoje, nos meus sonhos, o sítio continua exatamente como era, me recordo de cada detalhe, de cada árvore, do abacateiro, das mangueiras e da imensa moita de bambu com sua sombra deliciosa, de um tempo que hoje tenho certeza, era muito feliz e nem tinha noção do que seria a vida longe dali.

Naquela época, apenas algumas propriedades rurais tinham energia elétrica, e onde morava não tinha, nem energia elétrica e nem

água encanada, no quintal da casa tinha um poço de onde meu pai retirava a água que seria consumida.

Quando completei sete anos, comecei a estudar. A escola ficava numa cidadezinha chamada Santa Salete, que era distrito do município de Urânia. Ia e voltava a pé todos os dias, não queria faltar da escola nem mesmo nos dias de chuva ou muito frio. Algumas vezes, meu pai me levava junto com minha irmã mais velha de carroça ou de carro, pois ele tinha um fusquinha azul, que para nós era o melhor carro do mundo.

Não me importava em ter que caminhar quilômetros para chegar até a escola. Naquela época não havia transporte escolar, como tem hoje. Na escola onde trabalho atualmente, cerca de 80% dos alunos utiliza o transporte escolar. Os ônibus buscam no bairro em pontos próximos de suas casas e os deixam na porta da escola e ainda há muitas reclamações, que os ônibus são velhos ou que atrasou.

Lembro-me das recomendações da minha mãe: Vê se obedece a professora, e do tom de ameaça de meu pai dizendo: Se repetir o ano eu tiro da escola e vai pra roça o dia inteiro.

Nos dois ou três primeiros meses de aula estudava na chamada Escola Velha, o prédio era bem antigo, com salas pequenas, carteiras de madeira, fixas no chão.

Quando a escola nova ficou pronta foi maravilhoso, fiquei encantada, era tudo novo, tudo novidade para mim, um mundo completamente diferente do que estava acostumada. Era uma criança

muito tímida, sentia vergonha das sandálias sujas de terra, principalmente quando chovia e as ruas de terra ao redor da escola estavam molhadas.

Minha professora da 1ª série era calma, carinhosa e muito paciente, explicava quantas vezes fosse necessário, eu a admirava, ficava encantada em vê-la dando suas aulas, demonstrava que realmente amava sua profissão.

Fui alfabetizada com a Cartilha Caminho Suave, tinha que decorar cada uma das lições: abelha, barriga, cachorro, dado, faca, gato, jarra, laranja, macaco, navio, pato, rato, sapo, tapete, vaca, xadrez, zabumba e outras no final da cartilha que nem me lembro à seqüência. Ficava apavorada cada vez que a professora chamava para “ler” a lição do dia. Se não tivesse decorado, com certeza, levava bronca.

Hoje sei que aquele não era o melhor método, mas na época todos os professores adotavam a cartilha e a seguiam a risca. Era totalmente fora da nossa realidade, as palavras eram trabalhadas de forma fragmentadas, valorizava-se a “decoreba”, a simples decodificação .

Mesmo assim era apaixonada pela escola, amava o cheiro de material novo, cuidava com muito carinho de cada lápis, cada borracha, da caixa de lápis de cor, que era de apenas seis cores e pequenos, mas era maravilhoso quando podia colorir ou desenhar alguma coisa.

Tenho boas lembranças das minhas professoras da 1ª , da 3ª e da 4ª série, a única que não tenho saudades é da professora da 2ª série, ela era muito brava, gritava o tempo todo, batia com a régua ou com uma

varinha de bambu na cabeça dos alunos ou nas carteiras. Ninguém podia levantar e nem olhar do lado que ela já gritava.

Todo prazer que sentia em ir pra escola na primeira série, mesmo tendo que decorar todas aquelas lições da cartilha, diminuiu bastante na segunda, por conta da falta de afeto que a professora demonstrava para com os alunos, bem diferente da professora do ano anterior.

Se algum aluno não soubesse fazer o que ela mandava então, parecia que ela estava sempre de mau humor e que odiava os alunos, não me recordo de nenhum momento agradável em sala de aula nesse ano.

Até hoje tenho trauma de tabuada, pois tinha que decorar para fazer chamada oral, todo início de aula todos os alunos, um a um eram chamados para falar a tabuada, aquilo para mim era uma tortura, eu não conseguia decorar todos aqueles números e os que conseguia decorar, com o nervosismo esquecia tudo, nem conseguia falar, ficava muda.

Eu gostava de tudo na escola, mas a merenda era especial, era feita com carinho, não via a hora de chegar o recreio para saber que sopa seria servida naquele dia. Minha irmã não comia a sopa e todo dia comprava um pãozinho francês com mortadela numa venda que ficava perto da escola. Como eu comia e adorava a merenda, o pão era só para ela e isso me deixava um pouco triste, enciumada.

Quando terminei o primário, fiquei dois anos sem estudar, meu pai me tirou da escola, dizia que mulher não precisava estudar mais, que tendo o primário estava ótimo, já sabia ler, escrever e fazer conta, não precisava mais.

Foi então que mudamos para a cidade de Catanduva e voltamos a estudar, graças a minha mãe. Eu trabalhava durante o dia e estudava a noite, assim como minha irmã mais velha. Depois de quase dois anos meu pai quis retornar para o sítio novamente, não se acostumava com a vida da cidade, gostava mesmo do sítio, de cuidar da lavoura, dos animais, pois era o que ele gostava e sabia fazer, desde criança. Eu e minhas irmãs continuamos estudando, sempre com o apoio de minha mãe.

O lugar onde morávamos era longe da cidade, tinha que ir de ônibus todas as manhãs para a escola que ficava em Urânia. Quando voltava da escola ainda ia ajudar meus pais na lavoura de café.

Recordo-me com detalhes da professora de inglês, na sexta série, era uma japonesa baixinha e muito bem humorada, tratava todos os alunos com carinho, explicava quantas vezes fosse preciso. Eu tinha bastante dificuldade no inglês, pois na quinta série, como estudei em outra cidade, não tive inglês, e sim o francês. Mesmo enfrentando dificuldades para entender as lições eu adorava as aulas, o jeito com que a professora lidava com os alunos. Tive aulas com ela até a oitava série.

CAPÍTULO DOIS

2 - FORMAÇÃO INICIAL

Minha formação no Magistério

A formação de um educador é um processo que não tem fim. O mundo é muito vasto, muito já se pensou, escreveu e criou-se em diferentes áreas do conhecimento. Não há limites para a leitura, a pesquisa e a reflexão.

(Peron,2001)

Quando já estava com 15 anos, meu pai comprou uma chácara, bem pertinho de Urânia, já na zona urbana, para mim foi ótimo, terminei o ginásio e queria muito fazer o magistério, mas meu pai novamente foi contra. Contando mais uma vez com o apoio de minha mãe, comecei a trabalhar, primeiro como babá, depois como balconista de um bazar, como vendedora em uma boutique, enfim, sempre trabalhava durante o dia e fazia o magistério à noite.

Adorava fazer os estágios, minha patroa, a dona da boutique era também minha professora de Psicologia e Sociologia e sempre estava me incentivando. Ela dizia que eu tinha jeito para ser vendedora, realmente me dei bem trabalhando na boutique, mas o que eu queria mesmo era terminar o magistério para dar aulas, exercer a profissão que escolhi, queria ser professora.

Assim que terminei o magistério, em 1989, me mudei para Americana, vim morar com umas amigas que já moravam aqui, pois sabia

que lá seria muito mais difícil realizar o meu sonho. Chegando em Americana, também não foi fácil, tive que trabalhar para me sustentar, consegui um emprego como promotora de vendas em uma pequena fábrica de calçados. Trabalhei como caixa e crediaria em uma loja de roupas, mas sempre ia às atribuições de aula na Delegacia de Ensino.

CAPÍTULO TRÊS

3 – EU EDUCADORA

3.1 - Trabalho docente

O professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo.

(Paulo Freire, 1996)

Em uma das atribuições, em agosto de 1991, consegui, fui admitida através de um contrato por dois anos como estagiária em uma escola estadual. O salário na época, era mais ou menos o equivalente a um salário mínimo de hoje, era pouco, mas eu sempre que possível substituía alguma professora no período contrário para receber um pouco mais, consegui cumprir o contrato, não desisti.

Ainda no ano de 1991, no mês de maio, antes de ser admitida como estagiária, recebi um grande presente de Deus e da vida, o meu primeiro filho, Rafael, que hoje está com catorze anos.

Confesso que foi muito difícil, não tinha uma classe, ficava na escola à disposição, quando algum professor faltava, eu ficava com a sala. Quando não faltava ninguém eu auxiliava as professoras, ajudava na organização da biblioteca, enfim, deveria estar sempre pronta para atender qualquer solicitação. Encontrei bastante dificuldade, pois não tinha experiência, nunca tinha assumido uma sala de aula e algumas professoras da escola, não se preocupavam com isso, não ajudavam e pareciam nem se importar quando eu pedia algum tipo de auxílio.

Tudo o que aprendi no magistério foi ótimo, mas não o suficiente para entrar numa sala de aula e achar que daria conta do recado.

De acordo com PERON (2001), a formação inicial dos professores é extremamente importante, porém não o suficiente para o atendimento das exigências educacionais cada vez mais complexas. Por acreditar nessa afirmação sempre busquei ajuda com aquelas professoras que estavam sempre dispostas ajudar, procurava me atualizar, fazendo alguns cursos, embora durante os nove anos que trabalhei como ACT (Admitida em Caráter Temporário) no Estado, tive pouquíssimas chances de participar dos poucos cursos que eram oferecidos pela então Delegacia de Ensino. Geralmente quem acabava sendo escolhida para fazer esses cursos, já que não eram oferecidos a

todos, era um professor efetivo, com mais tempo de Magistério. Sempre questionei, pois não concordava que sempre os mesmos tinham chances e os professores iniciantes nunca tinham suas chances de se atualizar.

Quando terminou meu contrato como estagiária, fiquei por alguns meses sem lecionar, morava perto da escola e sentia muita saudade das professoras, dos demais funcionários, enfim, das amizades que fiz durante os dois anos que fui estagiária. Sempre tive uma facilidade muito grande para fazer amizades e nessa escola não foi diferente.

Fiquei durante dias com uma sensação de vazio, de não ter o que fazer, não conseguia nem falar da escola e principalmente das pessoas que lá conheci. Passado um tempo resolvi aceitar o convite, feito através de um bilhete, de uma das professoras da escola, para ir até lá, pois queria falar comigo. Na verdade o que elas queriam era me fazer uma homenagem, me agradecer pela ajuda, pela minha dedicação ao trabalho, a elas e principalmente às crianças. Sinceramente, fiquei muito surpresa, foi uma emoção muito grande que não esperava. Sempre me dediquei, fiz tudo o que estava a meu alcance, aprendi muito com todos que lá trabalhavam. Tinha muito que agradecer, pois estava iniciando minha carreira, não tinha experiência, mas muita vontade de aprender.

Desde então, fiquei como ACT, sempre dando aula em escolas estaduais. Trabalhei quase nove anos no Estado, cheguei até a prestar concurso para me efetivar, mas não consegui uma boa classificação.

Em agosto de 1999 fui chamada para trabalhar na Prefeitura Municipal de Nova Odessa, uma cidade vizinha de Americana, me efetivei através de concurso público, onde estou a quase seis anos. Estou adorando, pois como estou na mesma escola desde que iniciei na rede municipal, posso perceber melhor o resultado do meu trabalho ao longo dos anos, o que não era possível na rede estadual, pois cada ano estava em uma escola diferente, era quase impossível dar continuidade ao trabalho.

Quando terminei o magistério, pensava em fazer um curso superior, na época queria fazer Educação Física, mas nunca consegui pagar uma faculdade com o salário que recebia como professora.

O ano de 2002 foi um ano muito especial para mim, em junho nasceu meu segundo filho, o Mateus, em julho prestei o vestibular para o curso de Pedagogia da Unicamp. Fiz a prova (vestibular) preocupada com meu bebê que estava no carro com meu marido. Mas valeu a pena, dias depois veio a confirmação, tinha passado, que alegria, eu nem acreditava que meu sonho iria se tornar realidade (fazer um curso superior).

3.2 - Construindo laços de confiança.

A existência de um vínculo afetivo marca a sala de aula de forma positiva, como um espaço em que aprendizagem, descontração e cooperação andam juntas. A harmonia deve ser uma característica do

cotidiano da sala de aula, mesmo quando, por algum motivo, ocorrem algumas desavenças. Procuro propor atividades que possam ser realizadas em clima de descontração e envolvimento dos alunos com a tarefa, acredito que o ambiente escolar não precisa ser chato ou pesado para cumprir seu objetivo.

Acredito que como educadora, preciso conquistar o respeito, não de forma autoritária, mas pela cumplicidade e clareza de minhas ações. É comum me ver participando de algumas brincadeiras com meus alunos e, muitas vezes ao propor situações engraçadas, gerando entre eles maior aproximação: todos se sentem à vontade para brincar e falar comigo, que vejo e aceito as brincadeiras como parte do processo de escolarização. Minha postura descontraída não ocasiona, no entanto, a perda da legitimidade do meu papel de educadora diante dos meus alunos, já que, ao mesmo tempo que brinco, deixo bem claro quanto aos limites, assim, os alunos sabem o que podem ou não fazer, e em que momento.

Nesse ambiente, em que há descontração, cumplicidade e respeito mútuo, os alunos podem expressar suas opiniões e serem autênticos. Levados constantemente a rever valores, atitudes e crenças, através de conversas na sala de aula, desenvolvem a capacidade de reflexão e crítica. Confiando mais na própria capacidade de produção, os alunos vão aumentando o desejo de aprender e produzir cada vez mais e melhor.

3.3 - Valorizando o trabalho dos alunos

Outro aspecto presente no meu trabalho que julgo muito importante, é a valorização da evolução do aprendizado dos alunos. Essa valorização é aceita de maneira positiva, tanto pelos alunos como pelos pais. Procuro sempre expor, junto com os alunos, seus desenhos, suas produções escritas, trabalhos com massinha, sucata, enfim tudo o que é possível.

Conto também com o apoio do diretor da escola que, sempre que possível, fotografa ou filma as atividades que posteriormente são apresentadas a todos os demais alunos da escola, onde eles podem se ver e também apreciar o trabalho dos demais alunos e professores da escola. Para os pais, nas reuniões, apresento em forma de gráfico as fases em que todos da classe se encontram, desde o início do ano, e a cada reunião refaço os gráficos atualizando-os, de forma que os pais possam perceber o crescimento, os avanços de cada criança e, principalmente de seu filho, que é o que realmente lhe interessa. Procuro fazer um atendimento individual com horário pré-estabelecido com cada pai, onde naquele momento podemos conversar a vontade sobre seu filho.

Insisto em conquistas diárias, mesmo que pequenas, com cada um dos alunos, sempre considerando suas histórias de vida, a realidade de cada um. Confesso que existem momentos de insatisfação de frustração, mas procuro demonstrar satisfação com os resultados,

principalmente quando eles demonstram interesse pelas atividades propostas.

No ano passado, quando estava cursando o quinto semestre, fiz um trabalho sobre sexualidade que foi muito além das minhas expectativas. O meu objetivo, ao planejar o trabalho, era trabalhar com as diferenças, já que estava acontecendo alguns fatos desagradáveis com alguns alunos que, mesmo com conversas, com histórias, trabalhando valores não haviam entendido a importância de aceitar os colegas exatamente como são. Escolhi o livro: Nós, de Eva Furnari, e fiz a leitura numa roda onde eles puderam observar atentamente as figuras, manusear o livro, ler algumas partes e, principalmente, discutir as diferenças, que para a Mel, personagem principal na história, era bem visível e chamava a atenção de todos os moradores do lugar onde vivia.

O que foi maravilhoso é que os alunos foram muito além de minhas expectativas, abordaram temas que eu nem imaginava que fossem surgir na conversa, como a gravidez, o uso de camisinha, as doenças e muitos outros. Através desse trabalho, que já havia feito antes, mas que não tinha parado para pensar, e com esse foi diferente, pois além de registrar o trabalho pude refletir e avaliar o resultado, que tanto para mim como para os alunos foi maravilhoso, além de prazeroso.

Um outro trabalho que foi desenvolvido no ano passado foi o Projeto Correspondência, realizado pela minha sala, uma primeira série com uma professora também de primeira série de outra escola e uma terceira série de minha escola com uma outra terceira série também de

outra escola. Trocamos correspondências durante algum tempo, eram produções coletivas, procurando mostrar a verdadeira função social da escrita e do meio de comunicação em questão.

No final no ano recebemos uma última carta onde nos convidavam para fazer um piquenique na escola deles e nos conhecer pessoalmente, foi uma delícia, as crianças adoraram e eu também. Teve até surpresas, uma aluna minha era prima de uma das alunas da outra turma, outros já se conheciam do futebol, da igreja, enfim, o resultado foi positivo e estou trabalhando com o projeto novamente, agora desde o início do ano.

É por esses motivos que acredito na importância da afetividade na educação, na aprendizagem. Acredito que podemos, muitas vezes de maneira lúdica, através de uma música, de um jogo, de uma brincadeira possibilitar uma melhor aprendizagem aos alunos e ainda proporcionar momentos de prazer e descontração.

3.4 – A relação afetiva entre professor – aluno

Falar de afetividade na relação professor-aluno na perspectiva Walloniana, é falar de emoções, disciplina, postura, do conflito entre eu e o outro, uma constante na vida da criança, em todo o meio de qual faça parte, seja a família, a escola ou outro ambiente que ela freqüente. Essas emoções são difíceis de serem compreendidas, pois

ao estudar o comportamento de uma criança é também necessário estudar o lugar onde ela vive.

O estudo da criança exigiria o estudo do/ou dos meios onde ela se desenvolve. É impossível de outra forma determinar exatamente o que é devido a esta e o que pertence ao seu desenvolvimento espontâneo (WALLON, 1982:189).

Com isso, Wallon quer dizer que a sociedade intervém no desenvolvimento psíquico da criança, através de suas repetidas experiências e das dificuldades para ultrapassá-las, já que ela, diferentemente de outros seres vivos, depende por muito tempo de seus semelhantes adultos. O recém-nascido, por exemplo, não consegue diferenciar-se do outro nem mesmo no plano corporal. Essa diferenciação começa no primeiro ano de vida pela interação com os objetos e seu próprio corpo. É essa construção do eu corporal que dá condição à formação do eu psíquico chamado, por ele, de estágio personalista.

Para Piaget, todo processo de desenvolvimento inerente ao ser humano passa pela dimensão social e envolve cognição, afeto e moral. Sua teoria, portanto, vem esclarecer e fortalecer mais ainda o foco central do meu tema, que é a relação professor-aluno, caracterizada, positiva ou negativamente, pelas intenções afetivas que por ela perpassam. Segundo ele, durante os últimos 30 anos, tanto psicólogos, quanto educadores, 'voltaram à atenção' mais para o papel dos conceitos cognitivos do que para os conceitos afetivos da sua teoria. Ele próprio,

mesmo reconhecendo o aspecto afetivo como importante, concentrou sua atenção mais no aspecto cognitivo.

Cabe ao professor investigar e conhecer mais particularmente o seu aluno e, ao longo de sua formação, não deixar que se acumulem questionamentos em relação ao indivíduo como um todo.

Mesmo que o aspecto cognitivo seja mais estudado, mais questionado por explicar a construção da inteligência, não se deve deixar de considerar que as construções intelectuais são permeadas passo a passo pelo aspecto afetivo e que ele é muito importante (Seber, 1997: 216).

Como educadora sinto que ainda preciso melhorar bastante, devo estar sempre atenta a tudo acontece em minha sala de aula e também fora dela, que muitas vezes reflete na aprendizagem do educando. Ultimamente tenho refletido bastante sobre minha prática pedagógica, sei que apenas refletir não basta, mas aos poucos vou mudando minha prática.

Estou, a todo o momento, em busca de novas verdades, da minha verdade enquanto educadora reflexiva. Tenho consciência que faço parte de um momento histórico muito especial, onde a democratização de uma universidade, considerada elitista, proporciona uma formação reflexiva a um número considerável de professores, leva-me a concordar que: Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda (Paulo Freire).

Ainda segundo Paulo Freire: A sensação do inacabado deve fazer parte da rotina do educador, levando-o a um aprimorar-se constante, aprendendo cada vez mais sobre si, seus limites e possibilidades.

Nesta perspectiva, o relacionamento entre professor e aluno deve ser de amizade, de troca, de solidariedade, de respeito mútuo, enfim, não é possível desenvolver qualquer tipo de aprendizagem, em um ambiente hostil. Mas não devemos esquecer que o respeito que a criança tem pelo adulto é unilateral, dando origem a dois sentimentos distintos: afeto e o medo.

Na compreensão de Piaget, é da existência desses dois sentimentos que surge o respeito unilateral. Como exemplo, ele diz que uma criança não irá desobedecer às ordens do irmão por quem tem afeto, se por ele não sentir também um pouco de medo; assim como não respeitará um adulto que tenha medo, se por ele não houver algum sentimento de estima. Por isso é que, para Piaget, se houver afetividade há possibilidade de pôr em prática o respeito mútuo, tão necessário para o desenvolvimento das relações pessoais em qualquer que seja o meio humano e, através dele, a aprendizagem flui com mais facilidade.

Já Vygotsky explicita claramente sua abordagem unificadora entre as dimensões cognitiva e afetiva do funcionamento psicológico. Ele afirma que :

A forma de pensar, que junto com o sistema de conceito nos foi imposta pelo meio que nos rodeia, inclui também nossos sentimentos. Não sentimos simplesmente: o sentimento é percebido por nós sob a forma de ciúme, cólera, ultraje,

ofensa. Se dissermos que desprezamos alguém, o fato de nomear os faz com que estes variem, já que mantêm uma certa relação com sentimentos nossos pensamentos(Vygotsky, 1996).

Acredito que todo educador deve estar consciente que a criança ao entrar na escola, seja na Educação Infantil ou no Ensino Fundamental, já possui uma série de conhecimentos adquiridos e aprendidos fora da escola, em sua vida social.

É por esses motivos que acredito na importância da afetividade na educação, na aprendizagem. Acredito que podemos, muitas vezes de maneira lúdica, através de uma música, de um jogo, de uma brincadeira possibilitar uma melhor aprendizagem aos alunos e ainda proporcionar momentos de prazer e descontração.

CAPÍTULO QUATRO

4 – O PROESF

4.1 - PROESF - A realização de um sonho

Em agosto, iniciei o curso do PROESF, já de licença, pois estava amamentando, mas a ansiedade era tanta que ia quase todos os dias na Faculdade que fica aqui em Americana no CIEP (Cidade Jardim), no Pólo de Americana.

Para mim, essa idéia de Pólo foi formidável, pois, além de fazer um curso excelente como este, em uma Universidade tão bem conceituada, gratuito e ainda estudar na mesma cidade onde moro, realmente está sendo maravilhoso.

Durante os três anos de curso fui e ainda estou sendo, juntamente com as demais alunas, levada a refletir sobre minha prática, a tão falada “reflexão-ação-reflexão”.

As transformações pelas quais passei e ainda estou passando no decorrer do PROESF foram tantas que tenho certeza de que não conseguiria enumerar aqui todas elas. Mas aprendi que a partir do momento que passo a refletir sobre minha prática, começo a modificar algumas coisas que vejo desnecessária ou então que estão incorretas,

desta forma me torno mais crítica e conseqüentemente, refletindo sobre minhas atitudes, passo a ser uma educadora mais consciente do meu verdadeiro papel na vida de meus alunos.

4.2 - Os Aps / As disciplinas

O professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo.

(Paulo Freire,1996)

No primeiro semestre eu estava de licença amamentação, fui orientada a pedir o Exercício Domiciliar, só retornei no final do semestre. Foi muito difícil para mim, depois de treze anos, estava voltando para uma sala de aula como aluna, que é bem diferente de estar todos os dias dentro de uma como educadora. Confesso que fiquei dividida, ia quase todos os dias na faculdade, conheci o pessoal e até assisti parte de algumas aulas na sala e até algumas aulas magnas . Também encontrei bastante dificuldade para realizar os trabalhos em casa sem a ajuda das Aps ou até mesmo a opinião de alguma outra aluna, por isso, sempre estava em contato com as Aps para sanar as dúvidas/dificuldades.

O segundo semestre comecei com muito pique, sabe como é, início de ano... Parecia uma criança quando entra na escola com toda aquela euforia que estou acostumada presenciar. Apesar de toda a

alegria, também me sentia dividida, entre estar na faculdade, conhecer os novos Aps, rever o pessoal e ficar em casa com meus filhos, com meu marido, meu bebê estava com nove meses, foi muito difícil.

Lembro-me que numa dinâmica na primeira aula de Filosofia, onde todos deveriam se apresentar, comecei a chorar quando fui falar em como era difícil estar ali e deixar meus filhos, quase não consegui falar. Aos poucos fui me acostumando e me envolvendo tanto com os assuntos que acabava me desligando, esquecia o mundo fora da sala de aula.

As aulas de filosofia foram maravilhosas e contava com a dedicação do professor, que dava um show em suas explicações. Nas aulas de pesquisa a AP nos mostrou a importância de pesquisar, de se tornar um professor-pesquisador, de conseguir relacionar teoria e prática.

Gostei muito de sociologia, tive que ler bastante mas aprendi muito. Foi ótimo aprender a fazer analogias, como a da história do Pinóquio. Jamais esquecerei Durkheim, Max Weber, Marx. Sem falar nas aulas magnas, como esquecer a aula da Prof^a Néri, do Prof^o Pedro, e de todos os demais mestres/doutores, quanta sabedoria, que maravilha poder conhecer, ouvir professores tão sábios.

Tenho certeza de que, cada um a sua maneira, os Aps, os orientadores e todas as disciplinas contribuíram para que eu me tornasse uma educadora mais reflexiva e muito mais consciente do verdadeiro papel que devo desempenhar dentro da sala de aula, diante de meus alunos. Pois estavam sempre, durante todo o curso, mostrando a importância da aprendizagem significativa, e é isso que estou sempre

buscando, e agora, ainda mais preocupada em desenvolver uma prática educativa cheia de significados para meus alunos, despertando assim, o desejo de aprender.

Estou convicta de que uma das maiores contribuições do PROESF foi proporcionar momentos em que pude relacionar a teoria à minha prática, pois dessa maneira fica muito mais fácil entender o que cada autor acredita, exemplificando com situações práticas.

Toda semana tinha Aula Magna ou Atividades Culturais, nesses dias vinha alguém da Unicamp para dar a aula , geralmente uma palestra, no anfiteatro da escola. Conhecemos grandes professores e doutores da UNICAMP, como:

Sérgio Leite – Teoria Pedagógica e Produção em Português

Sérgio Amaral – Tecnologia e Educação

Sanfelite – Pensamento Histórico e Educação

Neri – Pensamento Sociológico e Educação

Pedro – Pensamento Filosófico e Educação

Dulce - Multiculturalismo e Diversidade Cultural

Maria Helena - Pesquisa Educacional

Heloísa - Política Educacional e Reformas Educativas

Ângela Soligo – Pensamento Psicológico e Educação

Wenceslao – Teoria Pedagógica e Produção em Geografia

Ivan – Teoria Pedagógica e Produção em Ciências e Meio

Ambiente

Maria Evelynna – Educação da Criança de 0 a 6 anos

Ana Lúcia Goulart - Pedagogia da Educação Infantil

Ulisses Araújo – Temas Transversais

Luiz Carlos de Freitas – Avaliação

Anna Regina Lanner – Teoria Pedagógica e Produção em
Matemática

José Roberto Heloani – Planejamento e Gestão Escolar

Ana Maria Faccioli – Teoria Pedagógica e Produção em Saúde
e Sexualidade

Olga - Educação Não-Formal

Eliana Ayoub – Teoria Pedagógica e Produção de
conhecimento em Educação Física

Elisabete Aguiar – Currículo e Escola

Ana Maria Torezan – Educação Especial

Márcia e Ana Angélica – Teoria Pedagógica e Produção em
Arte

Ernesta Zamboni – Teoria Pedagógica e Produção e História

Sem falar nos muitos outros palestrantes que vieram, como por exemplo à professora orientadora de Artes, Márcia, que deu um show de interpretação, foi maravilhoso.

No decorrer dos seis semestres tivemos muitos textos e livros para ler, devo confessar que em alguns momentos cheguei a pensar que não conseguiria, quantas sínteses, resenhas, seminários, artigos, provas, questionamentos, maquete, e tantos outros trabalhos que fizemos, trabalhos em sala, para casa, às vezes individuais, outras em

grupos, onde tínhamos que nos reunir aos finais de semana para fazer, tinha que conciliar tudo isso com a minha vida pessoal, filhos, marido, afazeres de casa e o meu trabalho, minha sala de aula.

Por outro lado, devo dizer que todos os Aps conseguiram deixar suas marcas, que para mim foram muito importantes. Mostraram, cada um a sua maneira, que com perseverança, força de vontade, muito esforço e dedicação se consegue muito. Cada um deles se dedicaram e conseguiram fazer com que o PROESF fosse tão elogiado, até por muitos que não acreditavam na sua seriedade. Deixo aqui registrado todo meu carinho e agradecimento a cada um deles: Cristina, Márcia, Sílvia, Aimar, Luis, Marilise, Regina, Maria, Conceição, Roseli, Zilda, Marilac, Daniela, Mirelle, Juçara, Angélica e Lindaurea, todos fazem parte deste importante processo de formação e transformação.

Também tive que elaborar alguns projetos como o de Conto de Fadas, em Português, que tinha como objetivo principal, levar os alunos a familiarizar-se com a escrita através do manuseio de livros e de suas histórias; o Projeto: Água e Meio Ambiente, em Ciências, que procura mostrar aos alunos a importância da água para todos nós e também incentivá-los a preservar o meio ambiente; o Projeto: Cultura Corporal, em Educação Física, que aproveitei para colocar em prática e trabalhar com meus alunos, buscando incentivá-los a conhecer, trabalhar e respeitar os limites de seu próprio corpo de maneira prazerosa, através de músicas, brincadeiras e até jogos adequados a faixa etária em que se

encontram. Confesso que estou gostando de estar trabalhando com esses projetos e já vejo resultados positivos.

Gosto de propor novos projetos ou atividades aos meus alunos, mas por outro lado fico com um pouco de receio, pois nem sempre as mudanças na unidade escolar são bem aceitas, mas ultimamente tenho apresentado as propostas e quando percebo que não há interesse por parte das demais professoras, passo a trabalhar com minha sala e depois conto como foi, quando consigo um bom resultado tento incentivá-las a trabalhar também.

Durante todo o curso também fizemos alguns passeios, algumas visitas, que se fosse enumerar todos, dando minha opinião sobre cada um deles daria páginas e páginas. Mas alguns, os que foram mais marcantes, pois proporcionaram momentos de descontração e aprendizado, que são tão importantes na vida de todo ser humano, principalmente na vida de uma educadora. Esses eventos contribuíram para que eu passasse a valorizar ainda mais as atividades extra-classe, que muitas vezes proporcionam maior aprendizado do que uma aula com recursos de lousa e giz.

Sinto que não posso deixar de citar alguns desses eventos, como:

- Salão Internacional do Humor (Piracicaba);
- Fábrica das Artes (Americana);
- Teatro Municipal de Santa Bárbara D'Oeste;

- Teatro Municipal Lulu Benencase (Americana);
- Palestras na Unicamp;
- Palestra “Leituras da Educação” com Denise Fraga e Luiz Vilhaça;
- Secretaria de Educação de Americana;
- Noite de autógrafos do escritor Ruben Alves.

4.3 - A afetividade presente na Universidade

No decorrer desses três anos, convivendo com pessoas tão diferentes, todas as noites, posso afirmar com certeza, fiz novas amizades, pois muitas das alunas da sala se tornaram amigas, e comigo não foi diferente. Principalmente as que fazem parte do meu grupo, já estamos programando para nos encontrar quando terminar o PROESF, pois já estamos na reta final e com certeza, sentiremos muita falta, dos bate papos, das trocas de experiências, das boas risadas e até dos desabaços, pois até confidentes umas das outras nos tornamos.

Sei que sentirei muita falta da correria de todos os dias para dar conta de tudo o que preciso fazer até chegar à hora de ir para a faculdade. Sentirei falta das Aps, das aulas deliciosas que tivemos durante esses seis semestres. Mas também das amizades que fiz durante o curso, principalmente com as alunas do meu grupo de trabalho e daquelas que sentam próximas e que estamos sempre em contato.

Até no trajeto casa-faculdade fiz novas amizades. Reencontrei três ex-professoras que trabalharam na creche com meu filho mais velho. Confesso que consigo dar boas risadas e até me desligar um pouco dos problemas, das dificuldades e correrias do dia-dia. Enquanto estou no trânsito, a caminho de casa ou da faculdade, estou com amigas que aprendi admirar. Sempre acontecem fatos inusitados, durante todo o tempo do curso já aconteceu tanta coisa, curiosa, engraçada, que daria para colocar nesse memorial um capítulo especial somente com esses acontecimentos .

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões a respeito da afetividade na importante e difícil relação entre professor e aluno, feitas à luz dos principais fundamentos teóricos da Psicopedagogia: Piaget, Wallon e Vygotsky, deixam claro que afetividade e inteligência se misturam, dependendo uma da outra para evoluir, visto que a dimensão afetiva é um elemento marcante para o desenvolvimento da espécie humana.

Wallon destaca a importância de uma disciplina diferente da que a criança recebe em casa, ainda na escola maternal, além da relação

pessoal entre ela e seu educador. Para isso, é de fundamental importância que o professor esteja consciente de sua responsabilidade, tomando decisões de acordo com os valores morais e as relações sociais de sua época, considerando ainda as condições de vida familiar e social de seus alunos.

Piaget enfatiza o respeito unilateral da criança pelo adulto. O respeito mútuo, de fundamental importância para a criança, deve ser trabalhado em exercício de cooperação, na convivência em grupo, a partir da experiência histórica de cada uma e de seu nível de desenvolvimento. São os esquemas afetivos, construídos na inter-relação da criança com o seu meio, que irão formar o caráter da criança, e o sentimento de respeito que a ela nutre em relação a outras pessoas.

Na perspectiva psicanalítica, a afetividade se desenvolve na busca pelo desejo que o indivíduo tem de conhecer a si próprio, de encontrar uma definição para sua vida.

Posso então, concluir que, para a prática pedagógica, as teorias de Wallon, Piaget e Vygotsky, contêm elementos comuns que são indispensáveis para o desenvolvimento da aprendizagem. Em Wallon, identifiquei a necessidade de que o professor veja seus alunos com mais atenção, para entender suas condutas e não fazer julgamentos precipitados. Em Piaget, entendo que o professor deve estar, antes de tudo, comprometido com a educação, com o conhecimento, de forma a

contribuir com a formação da pessoa, do desenvolvimento da sua personalidade, como participante do grupo social em que vive.

Já Vygotsky defende que o ponto de partida para a aprendizagem deve ser aquilo que a criança já sabe. A aprendizagem depende das características individuais de cada aluno.

Dessa forma, enquanto educadora, preciso ser mediadora, proporcionando situações onde a interação entre o aluno e o conhecimento se construa.

Enfim, fica evidente a importância que tem para mim, como educadora, o conhecimento da afetividade, quer seja através das emoções, da força motora das ações ou do desejo e da transferência, para o melhor desenvolvimento da aprendizagem do aluno e, conseqüentemente, para uma melhor relação entre este e eu.

A escola, portanto, deve voltar-se para a qualidade das suas relações, valorizando o desenvolvimento afetivo, social e não apenas o cognitivo, como elementos fundamentais no desenvolvimento da criança como um todo.

Tenho certeza e também consciência de que apenas concluindo o curso de Pedagogia não é o suficiente para encontrar respostas a todas as perguntas e nem soluções para todos os problemas que encontro no meu dia a dia, em minha sala de aula, nem vou encontrar uma fórmula para sanar todas as dificuldades dos meus alunos

e muito menos resolver todas as minhas inquietações, mas tenho convicção de que esse curso, essa experiência maravilhosa que vivi durante esses três anos de PROESF, servirão de incentivo e de reinício de um processo de formação mais maduro e mais consciente.

Sei também que muitas coisas, como atitudes e falas, já se modificaram, mas também sei que toda mudança é lenta, muitas vezes dolorosa, e nem sempre é vista com bons olhos por todos os profissionais com os quais convivo todos os dias na escola.

Não pretendo parar por aqui, talvez no próximo ano iniciarei uma pós-graduação ou algum outro curso que possa continuar me ajudando, e assim eu possa aperfeiçoar a minha maneira de dar aulas, facilitando assim o aprendizado dos meus alunos.

Finalizo então esse memorial com uma frase de Paulo Freire que para mim diz muito, pois simboliza o reencontro comigo mesma e com todas as expectativas de estar me transformando em uma educadora, e agora também em uma Pedagoga, com um olhar muito mais abrangente.

A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo de busca. E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.
(Paulo Freire, 1996)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade** – Lembranças de Velhos. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

DANTAS, Heloysa. **A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon**. In: DE LA TAILLE, Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. 8ª edição, São Paulo: Summus, 1992.

FERREIRA, S. **O ensino das artes: Construindo caminhos**. Campinas, SP: Papirus, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1977.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PERON, S. C. **As condições institucionais para a organização do trabalho pedagógico**. In: LEITE, Sérgio A. Da S. (org). **Alfabetização e letramento: contribuições para as práticas pedagógicas**. Campinas, SP: Komedi: Arte Escrita, 2001.

SEBER, Maria da Glória. **Piaget: O diálogo com a criança e o desenvolvimento do raciocínio**. Col. Pensamento e ação no magistério. São Paulo: Scipione, 1997:216.

SOARES, Magda. **Metamemória - Memórias: travessias de uma educadora**. São Paulo: Cortez, 1990.

THOMSON, Alistair. **Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias**. In: **Projeto História** nº 15. São Paulo: EDUC, 1997.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **O desenvolvimento Psicológico na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BIBLIOGRAFIA

ALBANO, M. A. **O espaço do desenho: a educação do educador.** 7ª edição. São Paulo: Loyola, 1997.

ALMEIDA, Lenita. Maria Costa de. **A afetividade do educador.** Revista Psicopedagógica. Vol.16. nº41. pp.14-15,1997.

ARANTES, V. A. **Cognição, Afetividade e Moralidade.** Educação e Pesquisa. São Paulo: v.26, nº 2, p.137-153, jul/dez,2000.

_____. **A afetividade no cenário da educação.** In: OLIVEIRA, M. e outros (orgs.) Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea. São Paulo: Moderna,2002.

ARAÚJO, Ulisses F. **Temas Transversais e a estratégia de projetos.** São Paulo: Moderna,2003.

ARIÈS, P. ; DUBY, G. **História social da criança e da família.** São Paulo: Zahar, 1981.

AZZI,Roberta G. e SADALLA, Ana M. F. de A.(orgs). **Psicologia e formação de docentes: conversas e desafios.** São Paulo: Casa do Psicólogo,2002.

BADINTER, E. **O amor ausente.** In: BADINTER, E. Um Amor Conquistado – o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BAGNO, M. **Preconceito Lingüístico: o que é, como se faz.** São Paulo: Loyola, 1999.

BRASIL. Secretaria Estadual de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais, Ética,** vol.8. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e lingüística.** São Paulo: Scipione,1988.

CUNHA, M. V. **Psicologia da Educação.** Cap.II. **Pavlov, Watson e Skinner – Comportamentalismo e Educação.** Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

FARIA, a. L. G. de ; PALHARES, M. S. (orgs.). **Educação Infantil Pós-LDB: rumos e desafios.** 4ª ed. Campinas,SP: Autores Associados, 2003.

FONTANA, R. ; CRUZ, M. N. da, **Psicologia e Trabalho Pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997.

FOUCAUT, M. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.

GADOTTI, Clara. **Fatores afetivos envolvidos na aprendizagem**. Trabalho de Conclusão de Curso. Campinas, São Paulo: (s.n.),1980.

LEITE, S.A. da S. ; TASSONI, E.C.M. **A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação do professor**. In: AZZI, Roberta G. e SADALLA, Ana M.F. de A. (orgs.). **Psicologia e formação de docentes: conversas e desafios**. São Paulo: Casa do Psicólogo,2002.

MALDONADO, Maria Tereza. **Aprendizagem e Afetividade: Leituras Psicológicas da Construção do Conhecimento**. AEC: Revista de Educação, nº 91,ano 23,pp.37-44, abril/junho,1994.

MARCELINO, N. C. **Pedagogia da animação**. Campinas,SP: Papyrus, Cap: II, p.53-89, 1990.

MOREIRA, S.R.G. **Professores e pedagogos: atribuições do fracasso escolar em alunos de 5ª série**. Revista Dois Pontos . Belo Horizonte: Pitágoras v.3, nº 26, mai/jun. p55-61, 1996.

NOGUEIRA,M.A. ; CATANI, A. **Escritos de educação**. Cap: II,III e IX, Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

PIAGET, J. **Problemas de Psicologia Genética**. São Paulo: Victor Civita, 1978.

PINHEIRO, M.M. **Emoção e afetividade no contexto da sala de aula: concepções de professores e direções para o ensino**. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo:1995.

PIRES, S. C. C. **Alfabetização para leitura do mundo: trabalhando o imaginário**. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas,SP:(s.n.),2002.

ROUSSEAU, J.J. **Emílio ou da Educação**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Pedagogia Afetiva**. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 2002.

SMOLKA, A.L.B. **A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como um processo discursivo**. São Paulo: Cortez, 1989.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História Oral.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VYGOTSKY, L.S. **A formação Social da Mente** Cap: 6, Interação entre aprendizado e desenvolvimento. P. 89-103 . São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ZAMBONI, E. **Representações e linguagens no ensino de História.** Revista Brasileira de História. V.18, nº36, p.89-101, 1998.